

**LEITURA:  
DA ANÁLISE GLOBAL À COMPREENSÃO DO TEXTO**

*Raquel Teixeira da Silva* (UEMS)

[rakelts@yahoo.com.br](mailto:rakelts@yahoo.com.br)

*Adriana Lúcia de Escobar Chaves de Barros* (UEMS)

[chaves.adri@hotmail.com](mailto:chaves.adri@hotmail.com)

*Nataniel dos Santos Gomes* (UEMS)

[natanielgomes@uol.com.br](mailto:natanielgomes@uol.com.br)

**RESUMO**

A leitura está desde cedo presente na vida do ser humano, capacitando-o a compreender e interpretar o mundo que o cerca. Para tanto, é importante o ensino, a aplicação de estratégias de leitura que possibilitem ao aluno desenvolver uma competência leitora que vá além da mera decodificação, ampliando suas possibilidades de inserção e efetiva atuação em variados âmbitos sociais. Refletir sobre esses aspectos e apresentar uma experiência com uma turma do 7º ano do ensino fundamental da Escola Estadual Profª Josefa Jucileide Amoras Colares, em Macapá – AP, a partir de teorias elaboradas por Solé, é a proposição do presente trabalho.

**Palavras-chave:** Leitura. Estratégias. Ensino.

**1. Introdução**

A preocupação com o ensino da leitura sempre permeou as discussões escolares. Não falamos apenas da leitura enquanto decodificação, mas da leitura que vai além das palavras, a que permite ao aluno a construção de sentidos daquilo que lê: a compreensão.

A leitura, sem dúvida, é a mais forte arma que se pode utilizar contra todo tipo de alienação, pois tem uma função crítica e social muito importante, que possibilita ao indivíduo posicionar-se frente a uma realidade, desde que ele, de fato, compreenda o que lê, ou seja, leia além do texto.

Nesse contexto, corroboramos com a ideia de que o ensino de estratégias de leitura é eficiente não apenas para aqueles que têm dificuldades em compreender, mas também para leitores com maior habilidade.

Além disso, devemos refletir sobre o quanto estamos colaborando para o desenvolvimento da competência leitora de nossos alunos, uma vez que da aquisição desta competência depende o desenvolvimento dos mesmos em todas as disciplinas escolares e na vida.

O ensino da leitura é, pois, o que consideramos tarefa primeira no manual de qualquer professor, de qualquer série e/ou disciplina, por isso optamos por este tema que tem sido uma constante nas discussões de todo processo educacional.

## **2. *Leitura: conceituar é preciso***

Definir leitura não é uma tarefa tão fácil quanto reconhecer a necessidade do ensino desta. Inúmeras são as concepções descritas em livros e demais escritos acerca do assunto.

O conceito de leitura como atividade interativa, que se constitui num diálogo entre o leitor e o autor, mediado pelo texto escrito é o que se destaca nos estudos recentes sobre leitura. O texto deixou de ser visto como um mero lugar de informações prontas a serem descobertas, sendo a sua compreensão resultado da interação entre o conhecimento de mundo do leitor e a informação contida no texto. O leitor, diante de um texto, assume um papel ativo na construção do sentido, já que o autor apenas sinaliza o caminho que deve ser seguido.

Segundo Leffa (1996), a leitura é um processo no qual vários aspectos estão envolvidos, e uma descrição deste processo deve envolver não apenas o texto e o leitor, mas também o momento de encontro entre ambos, ou seja, as circunstâncias sócio-históricas de leitura do texto propriamente dita.

Podemos ilustrar o modelo descrito por Leffa (1996) sobre as várias acepções de leitura, como se fosse uma via de mão dupla, onde em uma via o trânsito flui do texto para o leitor (extrair significado) e, na outra, faz-se o trajeto contrário: o fluxo segue do leitor para o texto (atribuir significado), sempre ressaltando os “buracos” que estão no meio de ambos os lados da via. Em determinado momento, por algum motivo, o fluxo dos dois sentidos se encontram. Aí começa mais especificamente o ato da leitura: a interação entre o leitor e o texto, que além de levar em conta os elementos envolvidos, deve considerar as condições em que isso acontece.

Menegassi e Ângelo (2005) explicam que as formas de pensar a leitura foram evoluindo juntamente com as pesquisas da linguística, cujo objeto de estudo passou das unidades isoladas da língua: fonemas, sons, palavras até chegar ao texto como elemento da comunicação. O tratamento da leitura em sala de aula foi e é fortemente marcado por concep-

ções, que são definidas, sob o viés da Psicolinguística, de acordo com a perspectiva que assumem, a saber: do texto, do leitor, interacionista e discursiva.

A leitura tomada a partir da perspectiva do texto tem como foco a decifração e decodificação, cujo ato de ler, concebe a linguagem como representação do pensamento.

Com o advento da linguística gerativista, o foco do ensino e aprendizagem da leitura voltou-se para o autor.

Esse modelo supõe que o leitor parte dos níveis inferiores do texto para sucessivamente compor as diferentes unidades linguísticas (as letras vão formando palavras, as palavras frases e as frases parágrafos) e chegar aos níveis superiores do texto. (MENEGASSI & ANGELO, 2005, p. 19)

A leitura com a perspectiva do leitor considera que o significado não está nas palavras do texto, mas fora dele e o leitor é constituído como responsável pela atribuição de significados ao texto: “[...] a obtenção do significado não se dá através de um procedimento linear, palavra por palavra, mas se dá sempre por força da contribuição do leitor, dos conhecimentos armazenados em sua memória, isto é, dos conhecimentos prévios”. (MENEGASSI & ANGELO, 2005, p. 23)

Com o advento da pragmática, o foco passou a ser a interação entre leitor e texto. Segundo esse pensamento, “o leitor, através das informações explícitas e implícitas que o texto fornece, procura alcançar os objetivos e as intenções do autor” (MENEGASSI & ANGELO, 2005, p. 17). Nessa concepção, reconhece-se que a compreensão ocorre da interação entre autor, texto e leitor. Isto é, tanto há informações no texto que podem ser acionadas pelo leitor, quanto há informações enciclopédicas das quais o leitor lança mão para compreender o texto.

Na perspectiva discursiva, Menegassi (2005), recorrendo a Moita Lopes (1996) e a Coracini (1995), observa que ao se levar em consideração aspectos históricos, ideológicos, psicológicos e sociais do leitor e do texto, há uma solidificação da perspectiva interacionista. Os sujeitos interagentes não são destituídos do mundo em que vivem, mas se reconhecem no mundo por suas histórias, suas ideologias, sua cultura e esses fundamentos são trazidos para o ato da leitura, que passa a ser um processo dialógico.

Menegassi e Ângelo (2005) destacam que, nessa concepção, entram em jogo escolhas linguísticas que não são escolhas aleatórias, mas que estão no texto para significar. Ao conceber a leitura sob esse ponto

de vista, o leitor é tomado como “produtor de sentidos”, o qual observa as pistas que o texto traz e a partir delas constrói sua interpretação e se posiciona ante o texto, assumindo uma postura de resposta ativa.

Para Kleiman (2004), “a leitura é uma atividade complexa devido aos múltiplos processos cognitivos utilizados pelo leitor ao construir o sentido de um texto”. A autora afirma que o texto “não traz tudo pronto para o leitor receber de modo passivo”, pois para que haja compreensão por parte deste, é necessário que ele articule seu conhecimento de mundo às informações presentes no texto.

Ainda nesse contexto de definições, não podemos deixar de citar a ideia sustentada por Solé (1998) que concebe a leitura como “processo de interação entre o leitor e o texto para satisfazer um propósito ou finalidade”.

Os teorias e estudos a respeito dos conceitos de leitura não se esgotam nestes aqui demonstrados. Na verdade, trata-se de um tema de inesgotável fonte de pesquisa, sempre necessária para se evitar uma visão fragmentada e até deturpada sobre sua real definição.

### **3. *Ensino: cabe a quem?***

É uma cena bastante comum nas salas de professores de nossas escolas as discussões sobre a leitura, ou melhor, o não domínio da prática de leitura e, principalmente, a “caça” ao (ir) responsável que permite ao aluno seguir adiante sem saber ler. Geralmente essa fala se refere apenas à leitura como decodificação, uma vez que grande parte dos docentes fica apenas nesse nível de exploração.

Pior, ainda, é ter que suportar professores de outras disciplinas crucificarem os de língua portuguesa, pela pouca ou nenhuma habilidade dos alunos em lidarem com a leitura de textos, muitas vezes, bem simples.

Todos procuram culpados pelo problema, quando cada um deveria assumir sua responsabilidade em lidar com o ensino da leitura, já que desenvolver a capacidade leitora de nossos alunos é uma ação cuja necessidade é inquestionável, ressaltando que este ensino deve levar em conta que a leitura não é um simples objeto escolar, mas que tem uma função social, histórica e cultural, bem diferente da visão de uma maioria docente que privilegia o ensino da leitura voltado apenas para extrair significa-

dos de um texto, como se este fosse portador de um sentido único.

O modelo interativo de leitura é o que encontra campo mais sólido dentre os estudiosos do assunto.

Para Kleiman (1997), a leitura é uma atividade cognitiva por excelência, que abrange percepção, processamento semântico, memória, inferência e dedução.

Esse modelo é o que mais corresponde às orientações contidas nos *Parâmetros Curriculares Nacionais* (BRASIL, 1998), que orientam o ensino da leitura de modo a formar leitores competentes, respaldando, assim, o desenvolvimento de um processo em que o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, a partir de seus objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto.

Gostaríamos de reforçar que o ensino de leitura, a formação de leitores competentes, é imprescindível à proficiência destes em qualquer outra disciplina.

Para isso, segundo os *Parâmetros Curriculares Nacionais*, a escola toda deve se organizar, uma vez que não somente o professor de Língua Portuguesa, mas todo professor é um professor de leitura.

Arregacemos, pois, as mangas e vamos à luta!

#### **4. Para uma boa luta... Estratégias!**

A maior parte das teorias que se referem ao ensino de leitura considera que para se desenvolver a compreensão leitora, faz-se necessário utilizar estratégias de leitura.

De acordo com a proposição inicial desses escritos, as estratégias a serem consideradas para efeito deste trabalho são aquelas abordadas por Solé (1998), para quem as estratégias precisam ser ensinadas, possibilitando a compreensão dos textos: não como técnicas precisas, receitas infalíveis ou habilidades específicas, mas como estratégias de compreensão leitora que envolvem a presença de objetivos, planejamento das ações, e sua avaliação. Estas estratégias são as responsáveis pela construção de uma interpretação para o texto, construída de forma autônoma.

Se as estratégias de leitura são procedimentos e os procedimentos são conteúdos de ensino, então é preciso ensinar estratégias para a compreensão de textos. Estas não amadurecem, nem se desenvolvem, nem emergem, nem

aparecem. Ensinam-se – ou não se ensinam – e se aprendem – ou não se aprendem. Se considerarmos que as estratégias de leitura são procedimentos de ordem elevada que envolvem o cognitivo e o metacognitivo, no ensino podem ser tratadas como técnicas precisas, receitas infalíveis ou habilidades específicas. O que caracteriza a mentalidade estratégica é sua capacidade de apresentar e analisar os problemas e a flexibilidade para encontrar soluções. Por isso, ao ensinar estratégias de compreensão leitora, entre os alunos deve predominar a construção e o uso de procedimentos de tipo geral, que possam ser transferidos sem maiores dificuldades para situações de leitura múltiplas e variadas. (SOLÉ, 1998, 70)

As estratégias a serem usadas devem permitir ao aluno planejar sua tarefa de modo geral, a fim de chegar à compreensão do texto

A articulação dessas estratégias deve ser feita, conforme descrita por Solé (1998), antes, durante e depois da leitura.

#### **4.1. Antes da leitura:**

podem ser utilizadas estratégias como motivação para a leitura; objetivos da leitura; revisão e atualização do conhecimento prévio; estabelecimento de previsões sobre o texto; formulação de perguntas sobre ele.

#### **4.2. Durante a leitura:**

elaboração de resumos; leitura compartilhada; leitura independente; uso de dicionário.

#### **4.3. Depois da leitura:**

construção da síntese semântica do texto; utilização do registro escrito para melhor compreensão; troca de impressões a respeito do texto lido; avaliação crítica do texto, dentre outras.

A seleção desses procedimentos dependerá de inúmeros fatores envolvidos no processo de ensino, como o contexto sócio, histórico e cultural em que a mediação deverá ser feita pelo professor, sempre pensando em alcançar êxito nessa luta, onde não haverá perdedores, pois ao desenvolver ações efetivamente voltadas para a aprendizagem do aluno, o professor também sai ganhando.

**5. Na sala de aula... Uma experiência estrategista**

1. Distribuímos a letra da canção “Marcha para um dia de sol” aos alunos e solicitamos ouvirem e/ou acompanharem a declamação do texto.
2. Incentivamos os alunos a participarem da leitura do texto, estabelecendo previsões sobre o mesmo, bem como ativando seu conhecimento prévio, questionando-os a partir do título, mais especificamente sobre o sentido da palavra marcha, além de indagações acerca da estrutura do texto.
3. Após ouvirmos as respostas, fizemos a audição da canção, uma vez que um dos sentidos possíveis para a palavra marcha precisaria ser confirmado.
4. Nova leitura: agora compartilhada, para que o aluno adquira a capacidade de se tornar responsável pelo seu processo de leitura.
5. Seguimos com questionamentos acerca do tema abordado, visando à percepção do aluno em relação à ideia principal do texto.
6. Estimulamos a reprodução oral do texto, bem como proporcionamos ao aluno expressar publicamente o que pensa, favorecendo a consciência de seu discurso e dando oportunidade para que seus interlocutores possam compreendê-lo melhor e também com ele debater.

**6. Resultados**

1. Foram diferenciadas as respostas sobre os sentidos da palavra marcha: “marcha de soldado” (desfile); “marcha de veículo (carro, bicicleta); marcha de carnaval (ritmo musical).
2. Sobre a estrutura: a maioria consegue reconhecer características como estrofes, versos, rimas etc.
3. A maioria também conseguiu apontar a temática abordada: diferenças sociais, a falta de trabalho, de moradia, de alimento etc.

A leitura de um texto poético em sala de aula implica reconhecer sua função social, além da condição estética.

Podemos afirmar que foi uma leitura prazerosa para ambos os en-

volvidos no processo: professor/aluno.

## 7. Considerações finais

A pretensão inicial de compartilhar uma experiência e despertar para uma reflexão docente do aprender para ensinar estratégias de leitura foi, de certa forma, atingida. O que não significa que tais objetivos se esgotam com este trabalho.

Ao dissertar sobre o tema reconhecemos, sobretudo, que é função do professor promover atividades significativas de leitura e que a reflexão, o planejamento e avaliação da própria prática em torna da leitura, são aspectos indispensáveis para que o aluno alcance uma competência leitora que favoreça a análise global, a reflexão e, principalmente, a compreensão do texto.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANGELO, C.; MENEGASSI, R. Desempenhos em leitura nas séries finais de ciclo. *Acta Scientiarum. Language and Culture*, vol. 30, n. 2, p. 129-137, 2008. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciLangCult/article/viewFile/698/698>>. Acesso em: 13-11-2015.

BRASIL. MEC/SEF. *Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa: 5ª a 8ª série*. Brasília: SEF, 1998.

KLEIMAN, Ângela. *Oficina de leitura: teoria e prática*. 6. ed. Campinas: Pontes, 1997.

\_\_\_\_\_. *Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura*. 9. ed. Campinas: Pontes, 2004.

LEFFA, Vilson J. *Aspectos da leitura: uma perspectiva psicolinguística*. Porto Alegre: Luzzatto, 1996.

MENEGASSI, Renilson José. (Org.). *Leitura e ensino*. Maringá: Eduem, 2005.

\_\_\_\_\_; ANGELO, C. M. P. Conceitos de leitura. In: MENEGASSI, R. J. (Org.). *Leitura e ensino*. Maringá: Eduem, 2005, p. 15-40.

\_\_\_\_\_. Estratégias de leitura. In: MENEGASSI, R. J. (Org.). *Leitura e*

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

*ensino*. Maringá: Eduem, 2005, p. 77-98.

SOLÉ, Isabel. *Estratégias de leitura*. Porto Alegre: ArtMed, 1998.